



N.º 139 — Lisboa, 29 de setembro

5.º ANNO 1915

PARODIA

FUNDADOR

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois da publicação 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 50000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 15000 » | Africa e India Portuguesa, anno 25000 »
Cobrança pelo correio..... 5100 » | Estrangeiro, anno 52 numeros... 30000 »

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Annuario Commercial

5, Calçada da Gloria, 5

IMPRESSAO

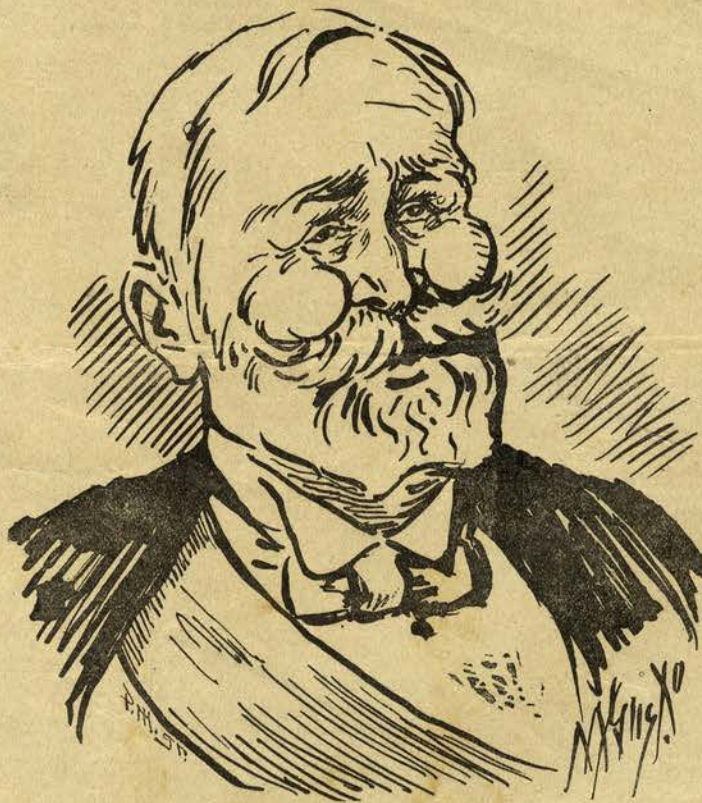
A EDITORA

L onde Bardo, 50

Ordem do dia

E. L.

*O apogeo da Democracia.
A Republica no seu estado de ma-
turação.
A bonhomia do triumpho.
O mais leve de todos os chefes d'Es-
tado que a França tem tido sob o re-
gimen republicano.
Leve como uma penna. Não se sente
no poder.
Um bom rei constitucional — uma
especie de Oscar da democracia.*



Pasta brilhante **AMOR**

Para limpar toda a qualidade de metaes

Briquetes marca **ESPADA**

Para limpeza de vidros e espelhos

Garante-se o resultado tanto da pasta como dos briquetes. Depositarios em Portugal: J. B. Fernandes & C.ª Lisboa — Largo de S. Julião, 15 a 18. Venda em todas as mercearias, drogarias e lojas de ferragens. — Grandes descontos aos revendedores.

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente autorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da Republica dos Estados Unidos do Brazil. Foi premiado com as medalhas de ouro, nas exposições industrial de Lisboa, e universal de Paris.

Acha-se a venda em todas as principaes pharmacias

DEPOSITO GERAL
PHARMACIA FRANCO, FILHOS
Conde do Restello, & C.ª
LISBOA

BELEM

COMPANHIA REAL DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Verão de 1905—Serviço de banhos e aguas thermaes

Viagens de ida e volta por preços reduzidos. Bilhetes validos por dois mezes com facultade de ampliação de prazo.

Thermas: Cucos, Caldas da Rainha, Curia (Mogofores), Piedade (Alcobaca), Amieira, Fadagosa e Unhaes da Serra (Tortozendo e Covilhã).

Praias: Do Furadouro, Espinho, Granja, Porto, Foz do Douro, Mattosinhos, Leça da Palmeira, Nazareth, S. Martinho e Figueira da Foz.

Desde 1 de junho até 15 de outubro de 1905, a Companhia terá á venda bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos por dois mezes, das suas principaes estações para as que servem as localidades acima designadas.

BOLSA OFFICIAL DE LISBOA

CORRETOR

VIRGILIO DA COSTA

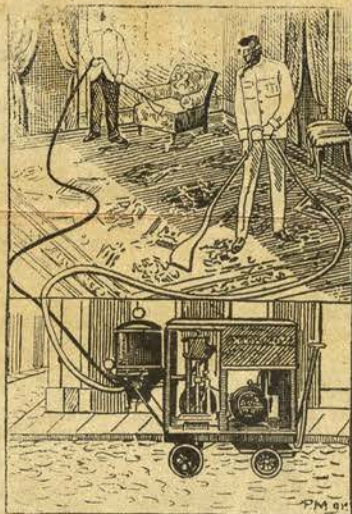
Escriptorio

RUA D'EL-REI, 112, 114

Limpeza de casas, tapetes, mobilias, theatros, etc.

POR ASPIRAÇÃO

EMPRESA EXPLORADORA DAS PATENTES BOOTH, L.ª



Limpeza por aspiração

Palacio da Flôr da Murta

152-A, 1.º R. do Poço dos Negros, 152-A, 1.º

LISBOA

TELEPHONE N.º 646

Esta empresa encarrega-se da limpeza de tapetes, alcatifas, estofos, cortinas, reposteiros, carruagens, etc., etc., tanto na sua sede, para o que tem installações apropriadas, como nos domicilios.

A limpeza por aspiração apresenta innumeradas e importantes vantagens:

Evita o levantamento das tapessarias e a sua remoção para locais improprios, deixando-as ficar completamente limpas e as cores mais vivas. Substitue vantajosamente o antigo systema de bater os tapetes com chibatas que apenas levanta a poeira, para novamente a deixar cahir sobre o tecido que se pretende limpar.

Evita a perniciosissima dispersão dos microbios, por isso que os tubos de aspiração absorvem por completo todo o pó sem o espalhar pela atmosphera.

Esta limpeza pode-se effectuar sem haver necessidade de tirar os moveis das respectivas salas.

A limpeza por aspiração é rapida, hygienica e economica

A. D'ABREU & ANTIGA CASA
Viuva Soares & Filho

JOALHERIA E OURIVESARIA

SEMPRE NOVIDADES

57, e 59, Rua do Ouro, 57 e 59. LISBOA



N.º 139 — LISBOA, 29 DE SETEMBRO

5.º ANO 95

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAELO BORDALLO PINHEIRO

Publica-se as sextas-feiras
Toda a correspondência deve ser
dirigida ao administrador da
PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois de publicado 80 réis

Redação e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assinaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 32 num. 25000 rs.	Brazil, anno 32 numeros, 50000 rs.
Semestre, 30 numeros, 12000 rs.	Africa e India Portuguesa, anno 25000 rs.
Cobrança pelo correio, 21000 rs.	Estrangeiro, anno, 32 numeros, 30000 rs.

NOTA — As ass. gnturas por auto e por semestre accitam-se em qualquer data, tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CÂNDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular

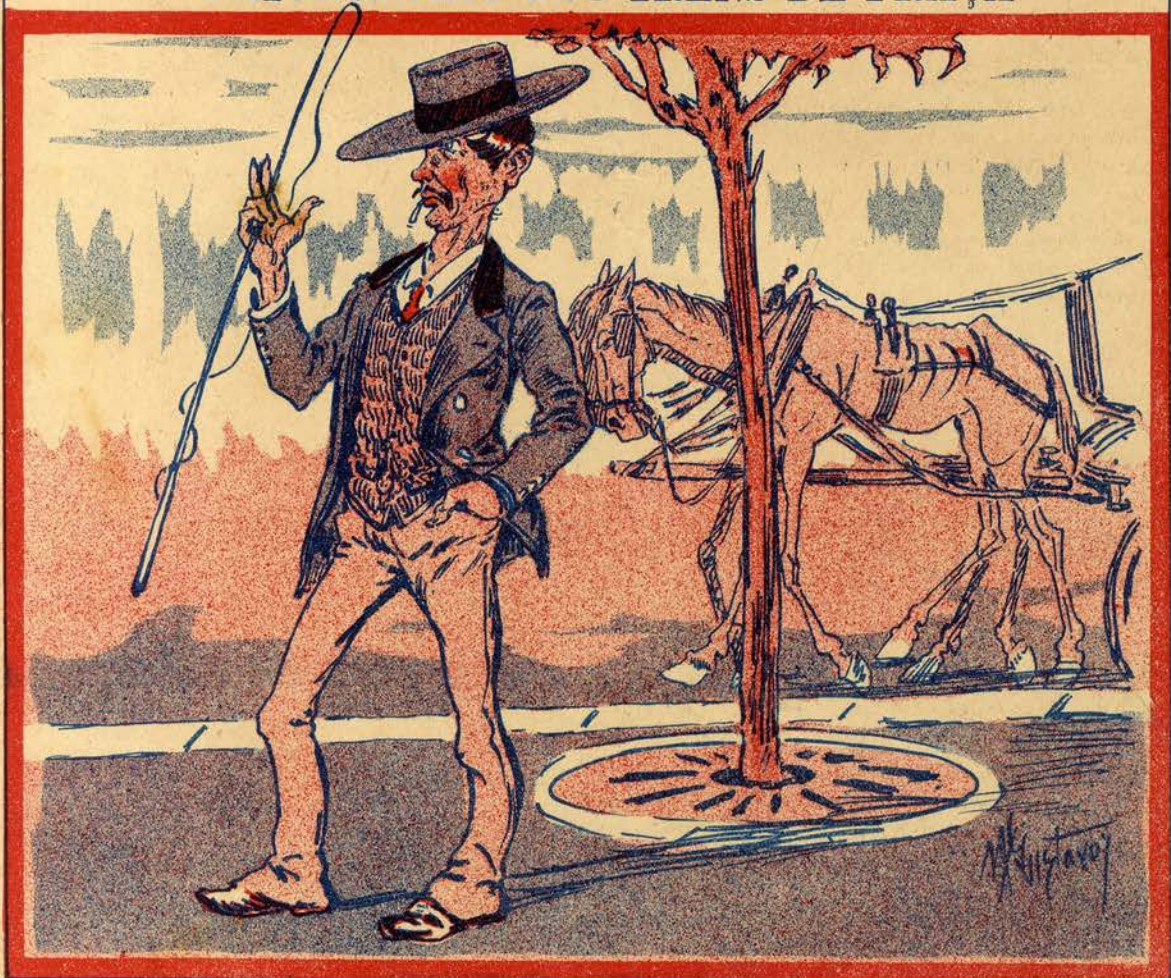
89, Rua do Norte 89

IMPRESSÃO

"A EDITORA"

L. Conde Barão

O MONOPOLIO DOS TRENS DE PRAÇA



UMA INSTITUIÇÃO AMEAÇADA

ALARME NA IMPRENSA

Tendo a Empresa Nacional de Navegação adquirido um novo navio e não tendo tido a deferencia de o fazer visitar em primeiro logar pelos membros da imprensa, dando a preferencia a individuos de outras classes, entre as quaes a dos banhistas de Cascaes, a imprensa declarou se desconsiderada e offendida, lastimando ser tão pouco reconhecida a sua força.

A imprensa queixa se, a nosso ver, de um mal de que só ella é a causa.

A imprensa queixa-se, por exemplo, de que não lhe rogam os seus favores.

Como rogar lh'os, se ella acostumou o publico a levar-lh'os a casa?

A imprensa portugueza confunde os interesses collectivos com os interesses individuaes e suppõe trabalhar para a sua prosperidade servindo-os a todos indiscriminadamente.

D'ahi a sua fraqueza.

A imprensa não é sollicitada, porque se tornou quasi importuna.

A *reportage*, tal como ella entrou nos costumes da nossa imprensa, é, pretendem os nossos jornalistas, indispensavel á sua fortuna.

E' possivel que ella seja indispensavel á sua fortuna, o que não está

verificado. O que, porem, está verificado é que é nociva ao seu prestigio, e como manter realmente o prestigio de uma força que parece precisar das collaborações mais mesquinhas para se exercer?

A imprensa portugueza pendura-se a todas as campainhas, bate a todas as portas, entra em todas as casas, pergunta o nome a todos os transeuntes, o numero a todos os policias e não poupa facto, não poupa individuo os mais estranhos aos seus interesses largos e generosos.

Que admira depois d'isto que o seu prestigio diminua?

O caso de que se trata, por exemplo, é bem significativo.

Uma companhia de vapores adquiriu um barco novo, que não é o *Kaiserin Augusta*, que tem o interesse de ser o maior navio do mundo.

O navio novo da Companhia era questão não tem esse interesse.

Eis aqui, n'uma palavra, um successo que unicamente affecta interesses particulares e ao qual a imprensa não deveria julgar-se obrigada a fazer senão a breve referencia necessaria para o levar ao conhecimento do publico.

Pois bem! A imprensa indignou-se porque estes interesses particulares não se deixaram servir pela sua influencia!

Um bom artigo sobre uma nova linha de navegação, sobre os serviços de uma Companhia, sobre as facili-

dades e commodidades dos seus transportes significa publicidade e da mais util, da mais productiva, da mais fecunda.

Esses artigos pagam-se.

Pois bem! A imprensa de Lisboa indignou-se, porque não lhe permitiram fazer esse artigo—de graça!

Ainda assim, fez o artigo. Mesmo zangada, mesmo amuada, fez o artigo, mas o que ella não pôde perdoar á Empresa Nacional de Navegação é que não lh'o deixasse fazer — mais cedo.

Nós, no entanto, sabemos, ou supomos saber o que molesta a imprensa.

O que a molesta é que a Empresa em questão não tivesse tido a deferencia de a convidar primeiro a visitar o seu navio e a deixasse para o fim, quando o navio já estava sufficientemente visto por toda a sorte de gentes.

A imprensa teria assim a idéa de que convidando-a a visitar o seu novo navio, a Companhia que o vae explorar prestava uma homenagem ao seu significado social de -- Imprensa.

Ingenua imprensa!

A imprensa nunca é convidada como imprensa — instituição social. Por taes titulos convida-se a Academia Real das Sciencias, a Sociedade de Geographia, mesmo a Associação dos Logistas.

A imprensa, nunca!

A imprensa convida-se sempre com um fim interesseiro. Que seja a primeira, ou que seja a ultima nunca é convocada como um conviva, mas como um collaborador — collaborador de grandezas, collaborador de ambições, collaborador de interesses, collaborador de vaidades.

O poder da imprensa, de resto, não é o jornal — é o jornalista.

Os jornaes passam.

Os mais fortes, os mais activos, os de maior influencia desaparecem e esquecem.

Só os jornalistas ficam.

O jornal é um instrumento de acção, mas só o jornalista é a acção.

A debilidade da nossa imprensa consiste talvez em que sobram os jornaes e faltam os jornalistas.



A ULTIMA MEDIDA DO GOVERNO

A semana passada veio a lume a noticia formidavel de que o conselho de ministros resolvera encarregar o sr. Eduardo José Coelho de fazer a propaganda de Lisboa nos nossos dois jornaes de maior tiragem.

Entende-se por *propaganda de Lisboa*, segundo já indica um d'aquelles jornaes, o traslado a publico das vantagens e commodidades que esta cidade offerece aos viajantes.

Nunca se viu — supponho nós — o Estado fazer o *boniment* da civilização e ser, elle proprio, o *cicerone* dos viajantes.

No entanto, aqui está E' este o caso.

D'ora avante, ser nos ha licito encontrar na estação do Rocio, á hora da chegada dos comboios, o sr. Eduardo José Coelho, com o *bonnet* dos *Irmãos Unidos*, ou do *Vizense*, escoregando no ouvido dos viajantes as commodidades e vantagens d'estas duas hospedarias afamadas.



Ser nos ha licito encontral-o no desembarcadouro de Alcantara, á chegada dos paquetes, offerecendo os seus serviços de interprete aos *touristes* estrangeiros trazidos até nós pelo engodo das viagens economicas.



O sr. Coelho não é versado em linguas?

Não importa! Nenhum interprete o é.

Com quatro palavras inglezas — *Port-wine, money, two shillings*, guia-se uma caravana de inglezes.

Ser nos ha licito encontral-o em Cintra mostrando a Pena e o Castello dos Mouros.



Ser nos ha licito encontral-o nos Jeronymos e na capella de S. Roque.



Ser nos ha licito emfim, encontral-o —no *Chat Noir*, que o governo certamente não deixará de incluir no numero das commodidades de Lisboa.



O Padre e o Diabo

Em uma noite da semana passada, no Porto, o Diabo entrou em casa de um padre da freguezia de Paranhos.

A grande arte do Diabo é ser sempre contemporaneo. O Diabo é de todos os tempos. E como não seria assim! Se o Diabo se nos mostrasse sempre como nas magicas e nas operas, todo vestido de escarlate, com a sua penna de gallo a tremer-lhe sobre a testa, facilmente o reconheceriamos e o conjuraríamos. Bastaria, para o fazer fugir espavorido, mostrar-lhe a cruz de uma espada, como no *Fausto*. Era de uma vez o Diabo!

Admiravelmente o comprehendeu Belzebuth — pois este é seu nome — incorporando-seno tempo, adoptando os seus habitos, fallando a sua lingua, envergando os seus trajos, n'uma palavra disfarçando se para constantemente exercer a sua velha acção diabolica.

O Diabo convencional é declamatorio e pomposo. Tem um vozeirão e pinta-se. Não tem roupa. Se lhe fizessem a partida de lhe tirar o seu unico calção de malha e a sua unica capa, ficaria nú, aocorado a um canto, envergonhado e grotesco. Por isso tambem não se despe.



O verdadeiro Diabo tem o guarda-roupa de Fregoli. Não declama; é um *diseur*. Fala uma porção de linguas.

O Diabo convencional cheira a enxofre.

O verdadeiro Diabo não tem cheiro, ou então só o tem para annunciar a sua presenca, fazendo dizer ás mulheres — Que bem que cheira aqui!

VELHOS CONHECIMENTOS



Republica Franceza – Viva, meu caro Veiga! Então como vae esse seculo
Dezoito?

O Diabo convencional é velho. Tem pelo menos sessenta annos. E' de uma virilidade assustadora, rebarbativa, membruda, lanzuda.

O verdadeiro Diabo não tem idade: é a juventude eterna.

Foi este Diabo que entrou em casa do padre de Paranhos.

Por seu turno, o padre de Paranhos não era um asceta. Não vivia n'uma covã, não jejuava, não tinha por companheiro uma caveira e um grosso in-folio dos Evangelhos.

Quando o Diabo lhe entrou em casa, o padre de Paranhos estava lendo — o quê?

O *Primeiro de Janeiro*.



O Diabo não costuma apresentar-se. O Diabo é uma voz. A voz do Diabo disse assim:

— Deixe isso e ande d'ahi!

O padre largou o *Primeiro de Janeiro*, olhou e viu um esplendido varão.

— Ande! mexa-se! tornou o Diabo.

O padre ainda hesitou uns segundos. Mas o diabo é avassalador. De rastos, de rojos, de gatas, o padre seguiu o Diabo.

Assim se consummou o escandalo ecclesiastico do Porto e o pobre padre, a esta hora, é todo elle confusão, humilhação, vergonha; mas quem fez tudo, quem preparou tudo — foi o Diabo.

O sacerdote em questão pelo menos assim o declarou já — que foi o Diabo!

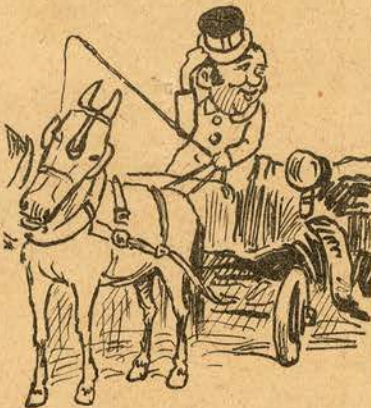


Os cocheiros

Foi apresentado na Camara Municipal o requerimento de uma nova empreza que — informam os jornaes — «se propõe melhorar consideravelmente o actual serviço de trens de praça, pela redução sensivel de preços, pela reforma completa do material existente, ao mesmo tempo que, augmentando os ordenados ao pessoal respectivo, terá direito a exigir d'elle um zelo e uma delicadeza para com o publico, a que este não está muito habituado.»

Em todo este plano de reforma, a parte que mais particularmente chamou a nossa attenção é aquella que se refere á delicadeza do pessoal.

Se o requerimento da empreza em questão fór bem acolhido pelo municipio, vamos, pois, ter cocheiros amaveis!



Além d'isso — modicos!

Lisboa vae tornar-se — o paraizo da Europa, porque, é sabido, em toda a Europa não ha um unico cocheiro amavel.

Em Lisboa, como em toda a parte, os cocheiros são de um commercio pouco ameno.

Tratar com o cocheiro é um emprehendimento.

Quantas vezes não hesitamos, receiosos, antes de o fazer?

Ainda assim as nossas relações mais suaves com essa prestimosa classe são as da — *corrida*.

A *corrida* tem um preço de tabella e é expeditamente feita. O cocheiro tem pressa; nós tambem. Excelente coisa! Chega-se, salta-se do carro, paga-se com uma placa que se leva já na mão. O cocheiro não fica grato, mas geralmente não recalceira e tudo corre no melhor dos mundos possiveis. Por um momento, somos nós que ficamos gratos ao cocheiro.

Não assim as relações — da *hora*.

Essas são mais penosas.

O cocheiro não gosta de — «trabalhar á hora».

Porquê?

A hora é uma tabella estreita e o cocheiro aborrece a tabella.

Pedir ao cocheiro que «marque a hora» é já indispor-nos com o cocheiro.

Logo, os seus movimentos, gestos, palavras se resentem de um irreprimivel mau-humor.

O cocheiro de *corrida* larga logo, com promptidão e espalhafato.



O cocheiro á *hora* eternisa-se antes de partir.



Fecha a portinhola com vagar, dá uma lenta vista d'olhos aos arreios, verifica a boleia. Arrasta-se.

Quando dá a primeira molle chicotada na parelha, a hora está desfalcada pelo menos em cinco minutos.

O rodar do carro, *à hora*, é significativo. E' o rodar de um feretro.

Terminado o serviço, o momento de pagar ao cocheiro é um máo momento.

No seu lugar, o cocheiro todo elle é antecipada hostilidade.

Pucha-se do relógio.



Ah! o acto de puchar o relógio é eminentemente antipathico ao cocheiro.

O cocheiro olha para o relógio e para o portador do relógio com um soberbo desdem.



Em vão procuramos verificar o «nosso tempo» pelo «tempo» do cocheiro.

O cocheiro recusa-se a fazer esta verificação e demais, para quê? se nunca as nossas horas estão de accordo com as d'elle?

Elle parece sempre disposto a acreditar que o queremos desfalcar e nós não temos remedio senão inclinar-nos diante d'essa disposição pessimista, porque ao fazermos contas com o cocheiro, o que sobretudo nos preoccupa, nos intimida, nos assusta é — descontentar o cocheiro.

Eis nos d'accordo com respeito ao tempo que consumimos juntos, nós dentro do seu carro a contar horas, elle fóra — a fabrical-as.

Resta nos chegar a um novo accordo e pagar-lhe.

Chegamos a esse accordo?

Nunca!

Depois de accidentadas negociações, nós e o cocheiro acabamos naturalmente por nos separar, porque a isso nos levam os nossos diversos destinos; mas separamos-nos sempre como dois inimigos.

Nós invocamos a tabella.

O que invoca o cocheiro?

O «serviço».

Aquillo a que o cocheiro chama «o seu serviço», tem um significado especial.

O «seu serviço» não é o serviço de todos os cocheiros. E' um serviço que lhe é proprio, em que elle se esmerou e afadigou.

Elle arrastou-nos morosamente, elle sacudiu-nos implacavelmente, elle fez-nos saltar por cima de todos os passeios e de todos os montes de cascalho, elle atirou nos para cima de todas as carroças e para baixo de todos os electricos, elle enganou-se nos bairros, elle enganou-se nas ruas, elle fez-nos parar muito áquem ou muito além das portas que buscavamos, elle moeu-nos a paciencia e moeu-nos os ossos.

A isto chama elle com pompa — o *seu serviço*!

Para remunerar este serviço nunca somos sufficientemente justos, generosos, esplendidos.

O cocheiro abre a palma da mão, recolhe o preço do serviço, mas nunca a fecha. Fica-se a olhal-a contristado, como para a coisa mais contristadora do mundo. Receia-se que elle regeite a parca somma, que nol-a atire á cara, de indignado por tanta sovínice. Diríamos que as tristes moedas para que está olhando o re voltam até á commiseração.

Então, nós, commovidos, porque queremos contentar o cocheiro, ficar bem com o cocheiro, esquadrihamos o bolso do collete, deixamos cair umas moedas mais na palma da sua mão.

O cocheiro assiste a esta operação com infinito tedio e fechando emfim a mão, diz desconsoladamente:

— E para o rapaz não ha nada?

Não dar nada ao «rapaz», dar pouco ao «rapaz» é irremediavelmente descontentar o cocheiro, que assim fica sempre insatisfeito.

Quando o cocheiro se declara satisfeito é sabido que lhe pagamos o preço do trem.

Entre os cocheiros ha duas categorias de individuos.

Ha o cocheiro classico, o cocheiro didactico, o cocheiro de sobrecaçaca



e chapéu alto, e ha o cocheiro conhecido pelo — *batedor*, que se veste com um capricho flammante e usa um Mazzantini. E' o cocheiro das antigas esperas de touros e das antigas incursões no Dafundo. E' um pouco archaico. Comtudo, tem ainda um ar viçoso.



Entre os dois, sempre que temos pressa, nós não hesitamos: — tomamos um electrico.

O ESCANDALO DO PORTO

Minha bella Marília, tudo passa ;
A sorte d'este mundo é mal segura ;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça !

MARILIA DE DIRCEU



ANTES



O CELIBATO DOS PADRES

ROMEU



DEPOIS

AGUA DE MEZA SAMEIRO

de uma leveza extraordinaria e de uma pureza indiscutivel, engarrafada debaixo de todos os preceitos indicados pela Sciencia.

As garrafas e as rolhas usadas no engarrafamento da Agua de Meza

Sameiro

São sempre esterilizadas

É já conhecida pelas suas pouco vulgares qualidades em quasi todos os paizes estrangeiros e nas colonias portuguezas.

Está á venda: em todos os estabelecimentos importantes de Portugal

Preço de venda a retalho
Cada garrafa de 1/2 litro 80 rs.
" " " 1/4 litro 50 rs.

Deposito geral no Porto:

C. Coverley & C.ª

Reboleira, 55, 1.º

Endereço telegraphico—COVERLEY

Telephone n.º 15

Em Lisboa:

Manoel José da Silva

RUA D'EL-REI, 31, 2.º

Telephone n.º 512

Endereço telegraphico—MISSILVA

OURIVESARIA E RELOJOARIA

com officina annexa

de fabrico

e concertos



Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos

99, Rua Aurea, 1

CONTRA A DEBILIDADE

**Farinha Peitoral Ferruginosa
da pharmacia Franco**

Esta farinha, que é um excellento alimento reparador, de facil digestão, utilisimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças, é ao mesmo tempo um precioso medicamento que pela sua acção tónica reconstituinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo. Está legalmente autorizada e privilegiada. Mais de 300 attestados dos primeiros medicos garantem a sua efficacia.

Onde do Restello & C.ª

• LISBOA — BELEM



EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO SERVIÇO DA COSTA OCCIDENTAL E ORIENTAL D'AFRICA ITINERARIO

Lisboa..... Part.	1	7	22	Moçambique.- Part.	9	—	—
Madeira.....	—	9	—	Beira.....	11/12	—	—
S. Vicente.....	—	13	—	Lourenço Marques.	14/16	—	—
S. Thiago.....	—	14/15	28/29	Mossamedes.....	—	8	24
Principe.....	—	23/24	7	Benguella.....	—	9/10	25/26
S. Thomé.....	18/14	25/27	8/10	Novo Redondo.....	—	11	27
Landana.....	—	29	—	Loanda.....	26/27	12/13	28/29
Cabinda.....	—	30	12	Ambriz.....	—	14	30
St.º Ant.º do Zaire.	—	—	13	Ambrizette.....	—	15	1
Ambrizette.....	—	—	14	St.º Ant.º do Zaire.	—	—	2
Ambriz.....	—	1	15	Cabinda.....	—	16	3
Loanda.....	17/18	2/3	16/17	Landana.....	—	17	—
Novo Redondo.....	—	4	18	S. Thomé.....	30/1	19/21	5/7
Benguella.....	—	6	20	Principe.....	—	22	8
Mossamedes.....	—	7/8	21/22	S. Thiago.....	—	30	17
Bahia dos Tigres..	—	—	23	S. Vicente.....	—	—	18
Porto Alexandre..	—	—	23	Madeira.....	—	—	22
Lourenço Marques.	28/2	—	—	Lisboa..... Cheg.	13	6	24
Beira.....	4/5	—	—				
Moçambique-Cheg.	7	—	—				

VAPORES: Ambaca — Cazengo — Cabo Verde — Angola — Benguella — Zaire — Malange — Portugal — Africa — Loanda — Bissau — Bolama — Zambezia — Principe — Mindello — Guiné e Lusitania.

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: No PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.ª, rua do Infante D. Henrique.

Séde da Empresa: **RUA D'EL-REI, 85 — LISBOA**

Compagnie des Messageries Maritimes

PAQUEBOTS POSTE FRANÇAIS

LINHA TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Monteviden e Buenos-Ayres

SAIRÃO os
paquetes

AMAZONE, commandante Lidin, que se espera de Bordeaux em 2 de outubro.

MAGELLAN commandante Dupuy Fromy, que se espera de Bordeaux em 16 de outubro.

O paquete MAGELLAN, não fará escala por Pernambuco e Bahia.

O paquete AMAZONE não fará escala por Santos.

Para Rio de Janeiro, Santos, Monteviden e Buenos Ayres o paquete BOSPHORE que se espera de Bordeaux em 19 de outubro.

Para Bordeaux, em direitura, sairão os paquetes: CORDILLERE, commandante Richard, que se espera do Brazil em 5 de outubro.

ATLANTIQUE, commandante Le Troadec que se espera do Brazil em 18 de outubro.

Para passagens de todas as classes, carga e quaesquer informações, trata-se na agencia da companhia, rua Aurea, 32.

Para passagens de 3.ª classe trata-se tambem com os srs. Orey Antunes & C.ª, Praça dos Remolares, 4, 1.º — Os agentes, Sociedade Torlades, rua Aurea, 32.

